buscar no site...

Feira de Santana, Quinta, 16 de Março de 2017

André Pomponet

19 de março sem esperança de chuva

André Pomponet - 16 de março de 2017 | 11h 33

O dia 19 de março, dia de São José no calendário católico, aproxima-se sem grande expectativa do agricultor familiar. No imaginário popular, essa é a data-limite que marca o início do inverno sertanejo. Caso não chova até aí – e, pelo jeito, tudo indica que não vai chover, pelo menos na região – o inverno tende a frustrar-se mais uma vez; as esperanças de dias mais fartos adiam-se para meados do ano – outubro em diante – quando recomeça o hipotético ciclo de trovoadas. A partir daqui o que se tem é a chuva miúda que não abastece reservatórios.

Descontando a chuva intensa que despencou durante o Carnaval, numa única tarde, não chove forte há muito tempo na Feira de Santana. As manhãs têm sido sufocantes; as tardes, abrasadoras; nuvens se avolumam, algumas azuladas, mas o vento empurra para distante. A partir de novembro, o calor foi intenso, insuportável, mesmo para os padrões locais. Mas nada da chuva redentora.

Nem é preciso circular, procurar o campo, afastar-se para a zona rural, para constatar os efeitos da severa estiagem. As árvores – mesmo aquelas forjadas para os rigores do agreste – perderam parte de sua imponência; a grama padece, seca e sem cor, nas raras áreas verdes da cidade. Tudo sob o sol implacável que ressurge todos os dias, inclemente.

A zona rural padece sob rigor singular. Os reservatórios se esgotam, restando as bordas ressequidas que circundam um líquido escurecido, pastoso; os pastos extinguiram-se: resta a capoeira encarrascada, pontuada pelos juremais inextrincáveis; sobram poucas crias dos rebanhos, solitárias, teimando em pastar poeira; e nem vestígio das plantações viçosas que, antes, se estendiam pelas campinas modestas dos minifúndios.

Animado e desenvolto nas épocas de fartura, o sertanejo circula cabisbaixo, silencioso. Ali pelo Centro de Abastecimento, é comum encontrar magotes deles, sérios, comentando as agruras recentes; poucos se animam a fazer projeções, já que a estiagem infindável quebrou o ânimo de todos, até das previsões otimistas que alimentavam as esperanças de dias melhores.

E se não chover?

Faz tempo que, na Feira de Santana, não se atravessa um inverno de verdade. Anos atrás caíram chuvas, mas eram aquelas precipitações que ajudavam mais a reforçar os reservatórios que, propriamente, a assegurar o inverno regular, com intervalos adequados de plantio e colheita. Isso empobreceu o homem do campo, que trabalha e se empenha, mas vê seus esforços malogrados.

No momento, as previsões são pessimistas: chuvas intensas não devem ocorrer até maio, quando se encerra o período das trovoadas, das chuvas fortes. Péssimo para a

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

Câmara: reeleição é o o serpente

Não há milagres na Pre

Glauco Wanderley

Com apoio de Zé Neto, quer unir o PT

Campanhas feirenses f bancadas pelos própri candidatos

André Pomponet

19 de março sem esper chuva

Sem pressão, reforma Previdência passa fácil

Valdomiro Silva

Campeonato Baiano: Tr garantidos; três lutam vaga

Em Juazeiro, Flu de Feir de seis pontos" doming

AS MAIS LIDAS HOJE

1 Câmara: reeleição é o ovo da serpente

2 Caso Beatriz: Polícia tem imagens do a certeza sobre autoria; veja fotos

3 Não há milagres na Previdência

4 Janot pede inquérito contra Geddel, Lú e Lídice no STF

agricultura familiar, para o camponês pobre, mas também para a economia do município, para o pequeno comércio, sobretudo aquele do Centro de Abastecimento e imediações. A ciência do homem, às vésperas do dia de São José, constrange a esperança de um inverno imediato.

Apesar da estiagem histórica, o drama do nordestino só ganha espaço quando falam as bonitinhas da previsão do tempo. Mas só naqueles mapas coloridos, anódinos, inexpressivos. Uma ou outra matéria mostra as cenas clássicas da caatinga ressequida, dos sertanejos à cata de água. É o clichê habitual, ao qual o telespectador já está acostumado.

Nos últimos dias o controverso governo Michel Temer (PMDB-SP) anunciou, com estardalhaço, a conclusão de um trecho da transposição do rio São Francisco até a Paraíba, que beneficia sobretudo o agronegócio. Mas ficou nisso: nada de falar da degradação do rio, de ações perenes de convivência com a seca, de iniciativas articuladas com os estados.

Há décadas se fala da necessidade de se discutir, de forma articulada, o fenômeno das secas e a busca por soluções conjuntas. A recente estiagem – tida como a mais intensa de todos os tempos – constitui uma excelente oportunidade para se dar um primeiro passo mas, pelo jeito, vai ficar tudo como está. Afinal, a República nunca tem tempo para pensar no semiárido...

5 José Ronaldo se reúne com ministro pa duplicação do anel de contorno

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Sem pressão, reforma da Previdência passa fácil

O intenso transporte alternativo para Salvador

Feira, eu te conheço: jornalista Jânio Rêgo lança livro